

★ MULHERES SONHARAM CAVALOS¹

Daniel Veronese

Tradução: André Carreira

Personagens

Rainer, esposo de Ulrika, irmão de Ivan e de Roger.

Ulrika, perto dos trinta anos.

Ivan, esposo de Lucera, o mais velho dos três irmãos, perto dos cinquenta e cinco anos.

Lucera, vinte anos.

Roger, o mais novo dos irmãos, perto de trinta anos, atlético.

Bettina, esposa de Roger, perto dos cinquenta anos.

Casa de Roger e Bettina. Casa muito pequena e mal cuidada. Perto da saída para o exterior Lucera leva a mão à boca contendo o vômito.

Lucera Talvez isso seja o princípio do fim. O roteiro de cinema que Ulrika descreveu, me comoveu como se fosse eu quem estivesse lançada sobre o vazio. Eu também sinto necessidade de me expressar. Mas apenas vomito. Eram 8h15 da noite. Íamos dar uma volta pelo edifício a pedido de Roger quando Rainer nos deteve.

Rainer Sim, está escrevendo um roteiro.

Ulrika *(pegando um cigarro)* Rainer, por favor.

Rainer Conte meu amor, se é...

Ulrika *(interrompendo-o)* Houve um crime em um quarto, mas o crime não será visto. Aconteceu uns minutos antes, nesse quarto. *(acende o cigarro)* Se vê, sim, a uma mulher jovem olhando para fora. Lá fora há um desfile de policiais equestres sobre seus cavalos. O dia está ensolarado. Ela, encantada com as gotas de suor dos cavalos, o couro quente das selas, tudo isso que vê da janela. Vê os dentes dos jovens cavaleiros e dos cavalos apertados ao sol.

Rainer Quantos cavalos eram?

Ulrika *(longa pausa. Ela o olha duramente)* Trinta. De repente os cavaleiros olham para a janela e notam a mulher debruçada. Os

olhares se encontram. Tudo se detém. Nada mais do que dois segundos, três, que em...

Rainer *(adiantando-se)* Sim, sim, que no cinema é muito.

Ulrika *(longa pausa. Ela olha Rainer com raiva)* A mulher começa a transpirar. Mas os cavaleiros sorriem para ela e a saúdam com seus bonés e seguem em frente sem imaginar o que aconteceu naquele quarto. Ela então relaxa. *(pausa)* As camisas dos homens também estão suadas. Nas axilas. Tudo debaixo do braço marcando a zona, o que se chama normalmente...

Rainer A aureola. *(a todos)* Bom...

Ulrika O fato é que estes cavaleiros profundamente marcados pela violência que dia a dia devem exercer, se transformam nesse momento para a mulher em pessoas confiáveis e simpáticas. A mulher sente desejos por eles. De cruzar com eles. *(acende outro cigarro. Pausa. Intencionalmente para Rainer)* Quando falo da mulher, entende Rainer, que estou me referindo a essa mulher do roteiro que está presenciando essa linda cena irreal dos cavaleiros, não?

Rainer Claro, meu amor, que se entende.

Ulrika *(pausa. Olha Bettina)* Irreal, digo Betty, pela posição estática dos cavaleiros, especial-

- mente se consideramos que os cavalos estão em marcha pela rua, pelo calçamento. Não?
- Rainer Como roteiro é magnífico, não? Pura imagem.
- Ulrika Claro. Isso... Porque há um detalhe que estou deixando de lado e acho importante: Os animais se sacodem bastante por causa do calçamento. Então penso que se poderia filmar de trás as enormes e sensuais ancas dos cavalos balançando. Pensei isso também. Não sei. Você gosta, Betty?
- Bettina Sim... sim...
- Ulrika Então não sei.
- Bettina *(pausa. Roger se prepara para sair da sala)* Bem... a comida já vai ficar pronta. Se não se apressam, Roger, vai ser melhor que deixemos...
- Roger Não. Já vamos. Lucera, você vem?
- Lucera olha Ivan. Logo sai com Roger. Pausa. Ulrika apaga seu cigarro e sai atrás deles. Longa pausa. Rainer brinca bobamente de socos com Ivan. Logo sai com arrependimento apressado. Pausa.*
- Ivan O que Lucera tem? Porque você não deixa ela em paz? Você viu como insistiu para que fosse dar uma volta?
- Bettina O que você está dizendo? Está contente com a nova casa. Roger queria mostrar a todos o edifício.
- Ivan E a que se deve a reunião?
- Bettina Ontem nos encontramos com Rainer e Ulrika no ginásio. Finalmente usaram as entradas que eram para vocês.
- Ivan Ontem não fomos porque Lucera ficou vomitando a tarde inteira.
- Bettina Ah, bom. Mas Roger não gostou nada de ter que entrar com eles. Em um momento, em plena luta, me disse que queria ir embora. Nos levantamos devagar sem fazer ruído, mas eles também se levantaram. Os quatro ao mesmo tempo, como amarrados por um barbante. Porque eu estava sentada aqui e Roger ao meu lado, depois estava Ulrika e, a seu lado, Rainer.
- Ivan Mas quem armou este encontro?
- Bettina Eles. Ali mesmo entre as cadeiras se falou de um encontro. Ulrika diz: é preciso convidar também Ivan e Lucera. Melhor que estejamos todos. Rainer quer dizer-lhes algo. Todos olhamos então a Rainer que olha para o chão e diz: Porque não nos reunirmos na casa de vocês, a nova, assim aproveitamos e conhecemos a casa? O pônei já deve estar grande, *(agrega casualmente)*
- Roger ficou pálido e se deslizou entre as cadeiras.*
- Ivan Rainer quer fechar a loja. A última compra de colchões foi um erro. Me parece que tudo se acaba. Por isso nos reúne.
- Bettina Eu não entendo muito bem dessas coisas, Ivan, mas você sabe que Rainer sempre intimidou Roger. Além disso, não quer estar sozinho com ele depois do assunto do pônei. Eu na realidade te digo, Ivan, já não tenho muita vontade de que venham nos visitar. Não gosto como Roger fica. Ulrika nunca me caiu bem. Você sabe muito bem porque digo isso, não?. Mas, isso é outra coisa e agora não quero...
- Ivan Mas... que me importa tudo isso que você está me contando, Bettina? O que significa esse relato dos quatro se levantando no ginásio ao mesmo tempo? Pense nisso e me responda: é real ou o que? É um pouco idiota, não?
- Onde está minha mulher agora? Sabe o que é real? Que ela está dando uma volta por um edifício quase abandonado... Por este tipo de coisas um casal pode-se destruir. Falo da minha relação. Isso é a única coisa que me importa.
- Bettina Não está abandonado...
- Ivan Mas veja estas caixas jogadas neste canto. Veja a desordem. Alguém pode viver aqui? E sobre este tema do maldito pônei sabe que eu sempre disse a Rainer e Roger, que a casa de vocês não era para ter um animal deste tipo. Disse ou não disse?
- Bettina Sim. Mas afinal eu queria ter...

- Ivan *(com violência contida)* Disse ou não? Responda. *(pausa)* Necessito tomar algo. O que você tem?
- Bettina Abro algo *(pausa)* Há algo mais Ivan, o que é?
- Ivan *(pausa)* Vi Lucera em pé na frente de uma vitrine de uma loja de armas, Bettina. Isso.
- Bettina Muita gente fica olhando estas vitrines para ver as armas, Ivan.
- Ivan Lucera sempre teve terror a armas, Bettina. Esteve aproximadamente vinte minutos olhando, talvez escolhendo. Depois foi embora.
- Bettina Pensei que vocês estavam planejando ter um filho.
- Ivan Sim. Na realidade estivemos falando da possibilidade. Conversamos com seriedade e com tranquilidade. Nada de corpos inflamados.
- Bettina E...?
- Ivan Creio que ela já está esperando um bebê. Não sei. Nem posso tocar no tema. Não há dúvidas de que nossa relação já está viciada. O que posso esperar da minha relação? Creio que nada. Não espero. Não espero nada.
- Bettina Você se parece tanto a Roger. Essas coisas que você faz com as mãos. Sabe o que percebe? A violência é o tema de nossos dias. Há violência entre os próprios irmãos. E também os casais. Lucera vê teu medo, Ivan, percebe? E te controla. Se você visse como você se comporta quando ela está.
- Ivan Que fácil isso parece, não? O que é a espera para você, Bettina? As pessoas sabem o que é a espera, realmente? A espera é um encantamento vertiginoso ao contrário. E você se preocupa se me comporto com naturalidade. É bastante que eu ainda esteja equilibrado. Qualquer um ficaria louco no meu lugar. Mas se Lucera me faltasse um só dia, eu me mataria. Um dia pensei em matar ela e depois me suicidar. Talvez seja suficiente que apenas um de nós morra. Talvez eu já esteja começando a enlouquecer
- Roger entra, seguido pacientemente por Ulrika. Passam pelo quarto e vão diretamente para a cozinha.*
- Bettina Você voltou, meu amor! Estava preocupada. Seu irmão foi te procurar. *(Roger volta da cozinha com uma garrafa. Sai pela porta da rua acompanhado de Ulrika. Pausa)* Se supõe que é um edifício tranquilo. Mas nunca se sabe. Nos disseram que não íamos ter problemas com as pessoas. Que estava tudo visível... *(pausa. Olha Ivan)*. Você pensa que às vezes ele quer me evitar, não? Mas você o imagina vivendo sem mim?
- Bem, ao menos te faço rir. Quando você ri parece um potrinho, não sei...
- Ivan Você tenta me distrair, mas internamente sei que isso vai dar num beco sem saída. Você pode chegar a entender? Tudo indica. É inevitável. Mas onde estará a saída para tudo isso?
- Rainer *(entra. Realiza o gesto da cena anterior, logo se joga no sofá visivelmente cansado)* Suficiente. Não sei onde se meteram. Nem me importa muito. Ivan, tua mulher está engordando. Ou me equivoco?
- Ivan Não sei. Pode ser que esteja um pouco mais inchada. Por quê?
- Rainer Nada, me pareceu. No entanto, Roger emagrece. Cada vez eu o vejo mais magro.
- Bettina Se cuida. Faz bem. É jovem. Estou apaixonada por um homem que vende saúde.
- Rainer *(brinca de socos com Ivan. Para Bettina)* Por favor, abra uma garrafa.
- Bettina Sim, mas não seria melhor que todos voltassem assim podemos comer de uma vez?
- Bettina vai para a cozinha.*
- Rainer Já sei, nem me fale. Te pareceu patético o roteiro de Ulrika. Sabe de onde tirou a ideia?
- Ivan Como vou saber? Não se entendia muito bem porque... Mas tudo bem. Está bem. Não está terminado, não é?
- Rainer Tem a personalidade de uma pessoa excedida. Não pode com seus próprios pro-

- blemas. Às vezes começa a falar sozinha e a escrever nas paredes.
- Ivan Fantasiosa.
- Rainer Não sei se faz de propósito para que eu ache que está ficando louca e me preocupe. Porque sabe que eu quero ela e fico louco. Por sorte já não trato de mudar as pessoas. É engraçado, agora estamos em uma época que quando abrimos a boca é para discutir. Acontece que não quer que eu siga com a loja. Diz que é muita responsabilidade para mim.
- Ivan Você vai fechar?
- Bettina (*entrando*) Não voltaram ainda? Para mim estão demorando muito. Que horas são?
- Rainer Oito e meia.
- Bettina Vai ver o que está acontecendo, Rainer, por favor, que me preocupa um pouco.
- Ivan (*suplicando*) Rainer.
- Bettina (*Rainer sai*) Não vá de elevador, use as escadas. Que loucura. Quando o conheci me lembro que foi em um lugar cheio de homens golpeando-se. Me olhou e minha vista se nublou. Havia mais mulheres que o paqueravam, percebi. Mas, eu com tesão, excitadíssima, disse em voz alta: docinho meu... era para mim. Que vergonha, mas rejuvenesci. Que loucura. Neste momento comecei a desejar e a querer ele.
- Ivan Você é vinte cinco anos mais velha, Bettina. (*Lucera volta do exterior*) Ah, Lu voltou?
- Bettina Você está com uma cara de cansada. (*Lucera olha fixamente Bettina*) E agora o que você tem?
- Ivan Você tem leite, Bettina? Por que não traz um copo de leite da cozinha, Lu?
- Lucera (*a Bettina*) Em casa outro dia te mostrei um livro de receitas.
- Bettina Ah sim.
- Lucera Você olhou e gostou. Percebi pela forma como o segurou. Em um momento fui ao banheiro vomitar. Mas quando saí não vi mais esse livro.
- Bettina Sim era um livro muito completo.
- Lucera Parece que não nos entendemos bem. O livro desapareceu de casa e eu havia dito que era para folhear lá em nossa casa. Não para você levar. Não foi assim?
- Bettina O que você quer...?
- Lucera Que você o pegou Bettina.
- Ivan Está bem, Lucera. Vai buscar o leite da cozinha.
- Lucera Ela o levou. Me roubou, Ivan (*Lucera vai com má vontade*)
- Bettina Por que sempre eu Ivan? Todo mundo contra mim.
- Entram Rainer, Roger e Ulrika.*
- Ulrika Gostaria que você me deixasse um pouco mais tranquila, Rainer. Quero ser uma dona de casa normal. Não vou ser nunca se continuo ao teu lado. Isso é tudo.
- Rainer Você brinca às vezes com essas coisas. Tudo bem, eu gosto. Tenho sede... O que comeremos?
- Bettina Na cozinha há vinho, rapazes.
- Roger Cuidado com o estofado. Lucera voltou?
- Bettina Está na cozinha. (*Rainer, Roger e Ulrika vão para a cozinha*). Ivan, escute-me, ela me emprestou o livro. Pedi quando estava dentro do banheiro.
- Ivan Segundo me disse esteve no banheiro com a porta fechada e vomitando. Não foi assim?
- Bettina Falei com ela do lado de fora. E me disse claramente que podia pagar. Te juro.
- Voltam, cada um com um copo.*
- Ivan Ela não podia dizer que pegasse se estava vomitando, Bettina. Você entende que não podia dizer nada naquele momento? Nisso tem razão.
- Rainer Vou tomar um pouco de vinho antes de comer. Não pode ser. Já tinha que acender um cigarro?
- Ulrika É o primeiro do dia. Quero desfrutar com tranquilidade, Rainer.
- Bettina Bem eu entendi isso, Ivan. Vejamos, todos se ponham cómodos, agora. Vocês podem sentar ali. A Rainer e a todos... peço a vocês que não apoiem as solas dos sapatos nas paredes. Precisamos pintar. O lugar está sem decorar, pois em um momento

- ou outro precisaremos pintar, já sabemos. De toda forma cuidado onde põem os pés.
- Rainer E a comida?
- Bettina Já vai ficar pronta. Vou buscar outra garrafa. Tem uma aberta na cozinha, Lucera?
- Roger Cuidado como o estofado, já falamos.
- Rainer Mas o que há para comer?
- Bettina Surpresa. Espere um pouco. *(Vai para a cozinha seguida por Ivan)*
- Ivan Está tratando de recuperar coisas que perdeu. Trate de compreender. Não está passando por um bom momento.
- Bettina Todo mundo contra mim, Ivan, não suportou...
- Rainer *(a Ulrika)* Te perguntei e me perguntei porque você ria. Você os conhecia, Lucera?
- Lucera Não.
- Ulrika Como vai me fazer rir este espetáculo.
- Rainer Parecia um casal. Um pai e uma mãe, não?
- Ulrika Não sabemos se eram os pais de alguém, Rainer.
- Volta Bettina.*
- Bettina Como é isso que...? Não consigo compreender.
- Ulrika Basta. Não me interessa falar mais sobre o assunto.
- Rainer Era um casal que descia correndo as escadas...
- Ulrika Não quero adoecer por culpa de gente que nem conheço. Entende?
- Rainer O que eu queria, Ulrika, não é justificar o que eu disse, mas sim fazer você entender que a força da mãe, de A, mais a do pai, B, é igual ao dobro da força de uma pessoa só, ou seja, C. Além disso, se C é alguém como Lucera, tão miudinha, pobrezinha que não é nem a metade dos pais, A e B considerados, ambos, por separado...
- Ulrika Outra vez com isso? Sabemos se eram pais de alguém?
- Rainer Não, não sabemos, querida.
- Ulrika E então? Para mim o tema está esgotado. Dá para entender?
- Rainer *(fica de pé em um lugar da sala. Prepara-se para uma atividade física)* Ivan, Roger.
- Ulrika Rainer...
- Ivan Não, Rainer, agora não.
- A pedido de Rainer os três irmãos começam a realizar uma brincadeira brusca. Ulrika se levanta indignada. Escolhe uma garrafa da mesa e vai para a cozinha. Bettina a segue. A brincadeira dos irmãos fica mais violenta. Roger cai no chão. Se levanta e vai ao banheiro. Rainer leva Ivan para um canto.*
- Rainer Você viu? Sabe o que vi quando cheguei em casa? Vi Roger e vi o câncer. Calma. Se confirmou.
- Ivan Se confirmou o que...?
- Rainer O médico me disse. Como se estivesse falando do tempo. Pelos golpes que recebeu na cabeça. Assim são os médicos. Pode-se acreditar? Não sei. Mas me escute bem. Escute, Ivan. Não mais de quatro meses de vida, me disse. E já faz bastante tempo disso. Roger não sabe de nada. É mais terrível porque é o menor de nós três.
- Volta Roger. Ambos olham o irmão menor. De repente, Rainer ri*
- Ivan É brincadeira?
- Rainer abraça a Ivan rindo. Rodam pelo chão. Separam-se, esgotados pelo esforço. Demoram em se recuperar. Bettina volta da cozinha.*
- Bettina Que estranho aquilo da escada. Até agora nunca havia acontecido nada. Queridos... Vocês... não vão ficar brincando assim como... como o quê? Como duas crianças. Vamos comer daqui a pouco. Digo isso a todos. *(Roger faz quicar uma bolinha contra a parede)* Não, Roger não comece você também... Roger, já vamos comer.
- Rainer Não tem jeito. Falta ar. Vejo que tão pouco há ar condicionado aqui. Na outra casa isso era um problema grave, Roger, lembra. Por sorte aqui vocês têm mais lugar. Não me diga. Como para ter animais grandes.
- Roger Sim. *(pausa)* Não sei.

- Ulrika volta da cozinha com a garrafa sem abrir.*
- Bettina Nos sentimos cômodos aqui. A outra casa era muito pequena, Rainer, nisso você tem razão.
- Rainer Respire, agora, agora... bem, bem. Faz cavalinho. Você tem ar. Você está se bloqueando. Faz muito que você não faz um *check up*?
- Bettina Faz uns meses fiz um. Há muitas tomadas. Faltaria uma para o aparelho de TV
- Ulrika E o saca-rolhas?
- Bettina Na cozinha.
- Ulrika Roger... você buscaria pra mim?
- Bettina Esta casa está bem melhor que a outra. E não pagamos quase nada. Saímos ganhando. A condição é que a mantenhemos limpa. O edifício é de quatro andares. Três e um terraço. E um porão.
- Ulrika E está tudo habitado? *(dá a garrafa a Rainer)*
- Bettina Não. Mais ou menos. Não há muita gente nos andares. Mas tem.
- Rainer *(pega a garrafa. Se encaminha para a cozinha. Para na frente de Roger que ainda não recuperou totalmente a respiração)* Cavalinho, faz cavalinho. Faça, vamos. Não tem jeito. Algo te bloqueia.
- Roger Estou bem. Tenho que buscar os resultados. Já vou.
- Rainer Não deixe o tempo passar. *(desaparece pela cozinha)*
- Roger São oito e quinze. Alguém quer vir fazer uma caminhada pelo prédio? *(olha para Ulrika que sorri)* Você vem, Lucera?
- Ulrika *(pausa. Com raiva grita a Rainer)* Rainer, e o saca-rolhas?
- Rainer *(da cozinha)* Sim, já vai. Sabe que estive pensando no teu roteiro de cinema?
- Ulrika O quê, meu amor?
- Rainer Com essa última tomada desde trás das ancas dos cavalos rebolando sensualmente pelo calçamento se pode chegar a entender que os cavalos são culpados da excitação da mulher. Que o provocativo da situação está nesses cavalos suados e não nos policiais. E tem certa lógica.
- Ulrika Você acha?
- Rainer Sim. Está comprovado que as adolescentes sonham quando começam a se desenvolver sexualmente. Digo isso seriamente.
- Ulrika *(com violência contida)* Pode me trazer de uma vez por todas o saca-rolhas, por favor.
- Lucera O lugar no qual estávamos era uma re- adaptação de um velho depósito abandonado no último andar de um edifício. Dava a impressão de ter sido decorado depressa. Tudo quase destruído. O edifício em geral estava quase destruído. No meio da volta pelo prédio, quando descia pela escada, alguém me empurrou com força. Me machuquei. Podia ter me matado. Estava escuro. Rainer e Roger estavam próximos. Decidi seguir sozinha. Roger fez que ia me acompanhar mas gritei: vou sozinha, Roger, sozinha. Corri para me distanciar. Escutava de longe os gritos de Ulrika discutindo com Rainer. Corri tanto que me perdi. Por sorte encontrei um casal de anciões que me indicaram o caminho de volta. Subimos as escadas juntos. Eu fiquei no terceiro andar. Eles me viram entrar aqui, penosamente. Eram dez para as nove. Havíamos saído oito e quinze. Nem bem entrei, vi Bettina e recordei que ela tinha levado um livro de receitas da minha casa. Me deu vontade de estourar a cabeça dela com um tiro. Vou aprender a disparar. Escutaram. Vou botar vocês em fila como garrafas e vou atirar de longe. Vou poder arrebentar um por um. Justo entre os olhos. Você também, Ivan *(pausa)* Você não se pergunta porque cheguei sozinha?
- Ivan Mas o que te aconteceu?
- Ulrika Nada. Já passou.
- Ivan Você está bem?
- Lucera Sim.
- Ulrika Tomou outro caminho, nada mais. Não aconteceu nada de mal.
- Roger Uma pessoa a empurrou na escada?
- Ivan Como? Ela foi empurrada?
- Roger Não exagere. Não foi nada grave.

- Ulrika Bem, empurraram ela. Não havia suficiente luz. Não viram ela.
- Ivan *(para Lucera)* Mas... E você? Como me esconde isso...?
- Ulrika E stá bem. Já está bem, Ivan. Na realidade ela tinha pedido que não contássemos. O casal passou e a empurraram.
- Ivan Estamos todos loucos.
- Ulrika Não foi para tanto. Não perceberam.
- Roger Nós vimos que eles vinham e ficamos encostados na parede. Ela não viu eles. Estava escuro.
- Rainer vem da cozinha tentando tirar a rolha.*
- Ulrika Já está pronto, Rainer?
- Rainer A rolha quebrou.
- Bettina Deixa eu ver esse saca-rolhas... Não. Há outro saca-rolhas no armário de debaixo. Experimente com o outro que é melhor.
- Rainer Vi uma travessa de arroz. O molho do arroz será tailandês?
- Bettina Não, por quê?
- Rainer Gosto desse molho. *(em duo com Ulrika)* Ninguém come comida tailandesa, digo, como hábito.
- Bettina Vou te explicar. Lucera me emprestou faz uns dias um livro de receitas, Rainer e...
- Lucera Diga como foi realmente a coisa, Bettina, porque se não sinto que a boba sou eu.
- Ivan Você o pegou, Bettina. Não diga que ela emprestou.
- Bettina Ah, não, claro... Não, está bem, você tem razão. Peguei porque me confundi. Foi um erro meu, obviamente. Mas, não são realmente maravilhosos esses livros de cozinha? Descobri que na realidade, um livro de cozinha não é outra coisa que um livro de projetos realizáveis. Por enquanto sei fazer arroz a *la turca*.
- Rainer *(em duo com Ulrika)* O molho será então molho turco?
- Bettina Sim.
- Rainer Ah... *(Rainer volta para a cozinha para buscar o saca-rolhas)*
- Lucera *(a Ivan)* Já sei o que você vai me dizer.
- Ivan Não ia dizer nada que você soubesse. *(pausa)* Você não é capaz de me contar que alguém te empurrou na escada. Ou não, você não tem confiança, ou pensa que não me importa se você se machuca...
- Roger *(revisando o ombro de Lucera)* Você tem uma marca. Você bateu no degrau. Quer que te passe algo aí?
- Ivan O que você está fazendo? Não tem nada.
- Rainer *(volta)* Não encontro o saca-rolha.
- Ulrika Roger, por favor, poderia buscar um saca-rolhas que funcione?
- Bettina *(pegando a mão de Roger)* Roger, espera um pouquinho. Não é que eu queira me justificar, mas vou dizer a todos porque preparei esse prato. Roger me pediu uma noite arroz a *la turca*. Me olhou nos olhos e disse que tenha cuidado, que não se pode por para cozinhar o arroz, a cebola e os aspargos separados. *(Roger se vira para Bettina e vai para a cozinha seguido por Ulrika)* Para que tenha esse sabor especial deve-se ferver tudo junto. *(Rainer vai atrás de Ulrika)* E compreendi então que isso somos nós dois. Tudo isso, o arroz, a cebola, o aspargo. Ainda que tenhamos distinto sabor nos complementamos. *(Rainer volta da cozinha e traz a Ulrika pelo braço)* E nisso consiste nosso amor, nas pequenas alegrias cotidianas. *(começa a choramingar)* E podem pensar que sou uma boba se querem.
- Rainer *(em duo com Ulrika)* Não, Bettina, por favor...
- Bettina Por isso peguei o livro, Lucera, perdão... alguém me ajudaria com os copos? *(vai para a cozinha, choraminga. Longa pausa)*
- Ivan *(para si mesmo)* O que acontece? O que acontece?
- Rainer Bettina não pode deixar de ter teus mesmos gostos, Roger. O que aconteceria se um dia vocês gostassem do mesmo homem, Ulrika?
- Ulrika Não sei. Nós mulheres em geral suportamos mais solidão do que os homens imaginam.
- Bettina *(voltando da cozinha)* Não diga isso.
- Ulrika O que? As pessoas não estão sozinhas? A cidade está cheia de gente solitária olhan-

- do o chão, esforçando-se para não roçar os sapatos dos vizinhos. Por isso prefiro o excesso. Para sentir...
- Rainer *(interrompendo-a)* Um pouco de companhia dentro do corpo.
- Bettina Bem, eu percebi que cozinhar é ter um projeto realizável e pelo menos poder compartilhar algo com alguém.
- Ulrika *(a todos)* Veja se me entende... Antes que me perguntem, quero explicar que com isto se deve entender que obviamente me sinto só... Me entende, Rainer?
- Rainer Sim, perfeitamente. *(a Bettina)* Você diz que comer é compartilhar, mas o que mais se come nas grandes cidades, Bettina?
- Bettina Não sei. Apenas sei uma receita. Não sou uma pessoa muito preparada nisso. *(pausa. Choraminga)* É a primeira vez que cozinhou.
- Roger Cala a boca, Bettina, por favor.
- Rainer Mas o que comemos em geral? Comemos hidratos de carbono. *(Ulrika em duo com ele)* Comemos como ratos.
- Ulrika Nós somos os ratos então. Todos. Ratos. Você será sempre um rato. Faça o que faça. Essa é tua marca. E a de todos nós. Você tinha razão. Tinha que ter ficado em casa. *(pausa)*
- Roger Vou fechar um pouco a janela antes de começar a tossir. Alguém necessita ar? *(Sai)*
- Ulrika Eu, Roger.
- Rainer Bettina, Roger está muito magro. Poderia estar incubando algo.
- Bettina Bem, basta com isso. Roger está divino. Não sei vocês, mas eu necessito tomar algo. Roger, me ajude com a mesa. O que aconteceu com a rolha?
- Rainer Ah, quebrou. Tenho que empurrar ela para dentro.
- Bettina Por que não vieram ontem, Lucera? Estivemos esperando vocês um bom tempo na porta do ginásio.
- Ivan Lucera esteve vomitando quase a tarde toda. O que está acontecendo? Já te expliquei.
- Rainer Algo está queimando aqui.
- Ulrika *(olhando a Rainer)* Com certeza somos nós dois. *(os dois explodem em uma grande gargalhada)* É uma piada que fazemos sempre.
- Rainer E muito apropriada. Você não tem limites. É incrível.
- Ulrika Se uma manhã finalmente me encontrasse só... a primeira coisa que faria seria acender um cigarro.
- Rainer E logicamente tomar vinho.
- Roger volta*
- Ulrika A propósito... O banheiro, Roger?
- Rainer Roger você, que está mais perto, podia apagar bem esse cigarro. Detesto esse cheiro. Está tudo fechado aqui. Roger, você pode abrir de novo a janela, por favor?
- Roger Ali.
- Ulrika Não há outra coisa melhor?
- Roger Vá ao apartamento ao lado que está vazio.
- Ulrika Posso usar?
- Roger Sim. Empurre forte a porta.
- Ulrika *(fica parada na porta. Intencionalmente sensual. Para Roger)* Mas, não sei onde é.
- Bettina É ali, querida.
- Ulrika sai.*
- Roger É um apartamento menor, mas o banheiro está terminado. *(pausa)* Lucera, você quer conhecer o banheiro?
- Lucera *(pausa. Lucera olha para Bettina, logo olha Ivan)* Posso? Se você não quiser eu não vou. *(pausa. Saem Roger e Lucera. Pausa. Ivan de repente sai atrás deles. Pausa)*
- Bettina As pessoas do edifício são amáveis. Os vizinhos corretos. É preciso que todos se ponham de acordo para pintar também a zona das escadas. A pintura está descascando.
- Rainer Bem, é assim. Acredite se puder. E agora está como louca com esse roteiro de cinema. Contou, não contou? Sim.
- Bettina Já não tira mais fotos? *(pausa)* Antes se dedicava a isso, não? Se não me lembro mal... o que era...?
- Rainer Além de tudo isso que faz quer escrever um roteiro. E o engraçado é que faz isso porque alguém disse, ah, alguém disse

- que tinha facilidade para descrever imagens. Mas não tem. Se nota, ou eu que a conheço bem noto, a facilidade com os diálogos. Ainda... *(pausa)* Já vai, certamente... aquilo que chamamos de ofício... *(pausa. Ivan volta)*
- Ivan Claro.
- Rainer De qualquer forma escreveu coisas interessantes. Escreveu esse roteiro sobre a mulher e os policiais. Está bem por ser o primeiro que escreve. Creio que no final vai entrar a cena de um cavalo fazendo não sei que besteiras. Uma verdadeira loucura.
- Bettina Escreve muito?
- Rainer Não. Ainda não. Tampouco guarda tudo. Escreve e joga fora muita coisa. Assim é o ciclo: escreve durante horas, me procura e, se vê que estou lendo o jornal ou olhando pela janela, isto é, se estou distraído por algo pessoal, me chama. E então com gosto vou, e ela lê o que escreveu. Depois quase sempre joga tudo no lixo. E se eu digo, enquanto ela está lendo, que gosto muito imediatamente rasga tudo e joga fora. Não espera terminar. Gosta de destruir e jogar foras as coisas que eu gosto. Todo tipo de coisas. Livros, roupa, coisas velhas. Adora jogar as coisas velhas no lixo. E eu certamente, amigos meus, em qualquer momento vou começar a ser uma coisa velha para ela. Ela gosta de me destruir e me ver sofrer. E gosta muito mais se estou diante da minha família. Dos meus irmãos. Me dá muita vergonha tudo isso. Muita vergonha. Assim estamos hoje. *(Lucera volta seguida por Roger)* Perdão, perdão, mas são coisas que não posso calar. Tinha necessidade de reunir todos e falar. Estou arruinado. Como homem, estou arruinado.
- Bettina Nós a conhecemos, Rainer.
- Rainer Quem é que você conhece? Ninguém a conhece realmente. *(Bettina chora. Ulrika volta do banheiro)*
- Ulrika Perdão. Perdão. Já sei. Demorei muito.
- Rainer Podemos saber onde você esteve todo esse tempo?
- Ulrika No banheiro. É que me aconteceu algo muito engraçado. Aparentemente sem nenhum motivo assinalei um ponto no ar e disse em voz alta, como uma louca... por aqui, por este lugar passará uma mosca em, exatamente, nove segundos. Se eu a pego o mundo começara a girar em sentido oposto. Fechei os olhos, contei até nove e lancei minha mão ao ar. E peguei uma mosca.
- Não é assombroso? Para onde gira a terra? Ivan?
- Ivan Não sei.
- Ulrika Para lá. *(assinala para um lado)*
- Ivan Creio que sim.
- Ulrika Ninguém sabe bem dessas coisas. Rainer?
- Rainer Te disse que esse tipo de conversa é para quem tem tempo para perder.
- Ulrika Mas por que não tentar pensar que existe outra alternativa na vida ou que há algo que estamos fazendo na contramão?
- Rainer Me ama de forma furiosa, e a mulher que ama nestas condições tão bestiais está marcada, ainda que não queira, por aspectos sumamente tragicômicos. Por isso pensa essas coisas. Um sentimento de agradecimento à vida faz ela alegre e enlouquece ela.
- Ulrika Não diga besteiras. Não estou louca. Oxalá estivesse. Oxalá sentisse que o mundo começa a girar no sentido inverso. Se me deixassem escolher novamente, te olharia fixamente como aquela primeira tarde na que te conheci, Rainer, ou simplesmente te evitaria?
- Não é maravilhoso esse pensamento?
- Não sei que consequências tem.
- Amor... Tenho sede.
- Bettina Eu creio, no meu humilde entender, que perceberíamos na hora se a terra decidisse girar em outro sentido.
- Ulrika Sim? Como? Se aqui ninguém parece saber exatamente para que lado está girando a terra agora.
- Você, Roger, poderia dizer neste momen-

- to exatamente para que lado está girando? Você pode sentir no teu corpo? (*tenta abraçá-lo. Roger escapa. Pausa*) Os teus irmãos sabem, Rainer?
Se você reuniu eles, diga de uma vez. Quanto antes melhor.
- Rainer Sim, claro, eu ia contar, não é que eu ia...
- Ulrika Rainer fechou a loja. O negócio familiar. Bem, ao menos a pequena vida que nos rodeia se altera um pouco. Acabam os problemas pelo menos para mim.
- Rainer Sim. (*pausa*)
Obviamente partimos todos da compreensão de que este é um tema muito delicado, não? Houve um investimento grande em colchões, Roger, que bem... finalmente não deu o resultado esperado. (*pausa. Gesto*)
E não sei o que dizer mais.
- Ulrika Por isso move as mãos assim.
- Rainer Se vocês querem posso dizer que sou um fracassado. Logicamente também poderia dizer que quero me matar. E não seria absurdo. Se digo que...
- Ulrika Se A é B...
- Rainer Sim, A é B...
- Ulrika Como C é...
- Rainer A é B... como C é... Bem, todos vão me compreender, Como quando nosso pai nos reunia para nos explicar a vida. Sentir que o mundo estava arrumado com as coisas postas nos devidos lugares. Assim senti sempre. Até hoje. (*pausa*) Mas se digo que sou um fracassado e que, por exemplo, realmente tenho a necessidade de me jogar de cabeça de um edifício. Mas de verdade me atirar...
- Ulrika (*em uníssono com Rainer*), mas de verdade se atirar...
- Rainer Não vai faltar quem me diga: não faça isso, o dinheiro vai e vem, sempre há esperanças, viva tua vida, aproveite (*em duo com Ulrika*) você que é jovem. (*a Ulrika*) Porque não me considero velho. (*pausa*) E não me olhe assim Ulrika...
- Ulrika Como sabe que estou te olhando?
- Rainer Não me olhe assim, te digo só isso.
- Roger A loja...
- Ulrika Não há mais loja, Roger. Ele fechou. Não sobrou nada.
- Rainer Tudo foi vendido. E foi para pagar dívidas. Estávamos atolados em dívidas. Se papai estivesse vivo... Tudo isso o machucaria muito.
Também poderia dizer que gostaria de me radicar em outro lugar para começar de novo. Mas não sei se vamos ter forças.
- Ulrika Eu adoraria conhecer outros países. Nunca saí.
- Rainer Tenho o apoio de Ulrika, isso sim. E há algumas possibilidades, algumas bastante concretas, mas não...
- Ulrika Pensamos, eu e Rainer, que se tomarmos um pouco de distância de tudo, vai ser melhor.
- Bettina Vão embora do país?
- Rainer Não, o que você está dizendo? (*sobrepondo-se a ambas*) Para Tandil (*Rainer*) A Usuahia (*Ulrika*)²
Um lugar com menos competição para começar de novo. Mas se fosse por mim... (*em uníssono com Ulrika*) Tudo terminado. Tudo.
- Bettina Não sabíamos nada.
- Ulrika O quê?
- Rainer Sou desprezível por tudo isso?
- Ulrika Ninguém disse isso, Rainer. Fique mais calmo.
- Rainer Que se atrevam a falar o que quiserem, meus irmãos. Me batam, eu mereço. Meus próprios irmãos. Quero vê-los. Quero ver qual dos dois se atreve. Caíns. Você quer me bater, Ivan? E você, Roger?
Não falta muito para que pessoas que se gostam e se respeitam comecem a se bater em plena rua sem a menor justificativa. E isso é a vida? Essa é a vida que quero para meus filhos?
- Ulrika Não há filhos, Rainer. Você nunca quis ter filhos. Pelo menos comigo.
E isso não é uma queixa, por favor.
- Roger A loja...
- Bettina Querido, creio que agora seria melhor que comamos...
- Roger Cale a boca.
- Rainer Não quero fazer reclamações agora. Está

- bem, eu aceitei ser responsável quando papai morreu, mas nós nunca tivemos ajuda.
Além disso, não é a vida que quero para Ulrika.
- Ulrika Ah, não, por favor, não me meta em suas decisões. E não comece com sentimentalismos.
- Rainer Esta senhora, assim como vocês estão vendo, diz que quer terminar os seus dias correndo nua por uma praia deserta e isso me enlouquece.
Louco. *(Rainer vai para a cozinha)*
- Ulrika *(gritando)* Ao menos posso admitir que eu gostaria de fazer algo concreto. *(olha todos. Ri. Logo começa a chorar)*
- Roger *(para Bettina)* Não chore mais, Bettina.
- Bettina Não, já passou, já passou. Pensava como Ulrika. Por que não se pode fazer essas coisas que a gente quer quando ainda está em tempo, não? *(pausa)*
Percebe? Você sabe como eu gosto dos animais. Eu às vezes digo porque sofrer tanto. Sempre me privando de...
- Roger ameaça dar um tapa em Bettina. Longa pausa.*
- Lucera Até aqui, observo como uma estranha esta cena familiar.
Sou Lucera. Decididamente não pertencço a esta família. Dizem que Ivan me encontrou em um camping de Córdoba³. Eu era muito pequena. Ele com o pai e seus irmãos estavam veraneando ali. Me disseram que a metros de onde me encontraram acharam, num barranco, os restos destroçados de uma charrete, o corpo do cavalo e dois corpos humanos que, segundo parece, correspondiam aos meus pais. A cena dava a entender que o cavalo tinha se lançado pelo barranco enlouquecido, e meus pais, por sorte para mim, puderam me empurrar para fora da carroça antes da queda. Também me disseram que faz umas três décadas atrás, na serra da cordobesa proliferou um vírus que atacava os cavalos de carga e que sem motivo os fazia pular pelos precipícios.
Tenho medo. De noite costumo dar voltas na cama, espantada como se alguém estivesse atrás de mim a ponto de me atacar. *(Roger toca-lhe o ombro. Ela tira suas mãos com dureza)*
- Roger Nada. Estava vendo que você ainda tem a marca da queda.
- Rainer *(voltando da cozinha)* Tenho muita vontade de ver o pônei, Roger. Você guarda ele no porão?
- Roger Se o pônei está no porão? Você quer saber?
(para Bettina) Não vá chorar.
- Rainer Eu sou de dar presentes sempre, mas quando dou um presente, dou cavalos. Você sabe, Roger.
Me deu muito prazer presentear você. Sei como você toma carinho pelos bichos.
O que está acontecendo?
- Rainer *(pausa)* Eu não sou de dar presentes sempre, mas quando dou um presente dou cavalos. Vocês sabem.
- Ivan Não quero falar desse tema difícil. Isso é tudo.
- Rainer Peguem ele para desfrutar. Como eu disse? Você se lembra, Roger? Como te disse, heim? Para desfrutar dele. Eu trouxe ele em uma cesta. Era branquinho com algumas manchas pretas no lombo. O pelo da crina marronzinho e bem penteado *(Bettina chora)*
Você quer me dizer algo, Bettina?
- Bettina Aconteceu poucos dias depois que você o trouxe para casa, uma noite em que você havia discutido com seu irmão por algo sobre a loja. Bom, mais ou menos às três ou quatro da madrugada acordo e vejo Roger que havia levantado. Vou para a cozinha e o encontro olhando o pônei nos olhos. O pônei estava com a correia de passeio.
(a Roger) Querido, pensei que...
- Rainer O que você pensou?
- Bettina Tinha ficado contente porque pensei: ele ia levar o animal para dar uma voltinha. Não sei, para se relaxar e refletir sobre a

- inutilidade das discussões na família. Nós costumávamos passear e conversar, e levávamos o pônei na coleira.
- Rainer, eu sempre insisti para que vocês não briguem. Se têm a sorte de ter irmãos... Sempre digo a Roger.
- (*chorando*) Te quero, Roger. Não me importa o que tenha te ocorrido. Vou te querer sempre. Entende?
- Rainer O que aconteceu com o pônei, Roger?
- Roger Peguei o animal e sai para caminhar. Nem uma alma na rua. Passei por uma construção que havia a uns quantos quarteirões. Não sei por que senti vontade de entrar. Fiquei um momento na calçada, depois entrei. Não havia vigilante. Ninguém me viu. (*pausa*)
- Ulrika E?
- Roger E encontrei um buraco enorme que estavam enchendo de cimento. Nos aproximamos, eu e o pônei. Os dois. Assim... ficamos um tempo... Depois suspirou... levantou o focinho... (*pausa*) e deu um salto. Para o meio do buraco.
- Ulrika Deus do céu... (*começa a rir progressivamente na medida que vai escutando*)
- Rainer Como...?
- Roger Me meti no buraco. Tentei tirar ele. Nada. Foi direto para o fundo.
- Bettina Nunca vou poder superar isso, Roger. Tinha tomado carinho.
- Roger Cala a boca. Você vai fazer eu arrebentar minha cabeça, Bettina. Você tem que entender que eu não empurrei ele
- Ivan Lucera, a gente tinha que ir embora...
- Rainer O que? Ivan nada te comove? Você escutou o que contamos? (*Roger segura a cabeça*) Agora você chora.
- Roger Se eu não fiz nada.
- Bettina Deixe-o, Rainer.
- Rainer Eu não era de dar presente sempre, Bettina.
- Bettina Tampouco havia tanto lugar na outra casa.
- Rainer Poderiam ter me devolvido se não tinham lugar. Eu teria encontrado outra casa. (*Rainer começa a rir junto a Ulrika*).
- Bettina Olhem.
- Roger O quê?
- Bettina Por que eu amo ele? Amo porque se incomoda quando tocamos o tema. Amo o homem que está ao meu lado porque pode amar, pode matar e pode se arrepender também. É isso que eu peço a um homem.
- Roger Eu não matei ele. Pulou sozinho. Não queria viver. Era um tormento na casa, eu reconheço, não era fácil a convivência, mas eu nunca seria capaz...
- Ulrika (*rindo*) E às vezes você pensa que o desumano é você, Rainer.
- Bettina Na realidade, Rainer, enquanto estive conosco, tratamos ele com carinho e...
- Rainer Você acha que não houve carinho no meu presente? (*de repente pára de rir e se lança violentamente sobre Roger*)
- Eu trouxe para você. Sabe por que? Sabe? Não sabe.
- Bettina Não, deixa ele Rainer.
- Rainer Não tem jeito, você não pode. Você não pensa sobre o que faz. O *box* te deixou marcas.
- Roger Olha a minha cara. Nenhuma marca.
- Rainer E essas tonturas que você tinha? Desapareceram?
- Bettina Que não se vê nada externo. A isso ele se refere.
- Rainer (*abraça Roger*) Mas dentro, bem dentro irmão, pergunto. O sangue coagula. As artérias se tampam. Isto acontece com a consciência.
- Roger O que acontece com a consciência? O que você está dizendo?
- Rainer Você já não responde pelos seus atos, Roger. Você empurrou esse animal para o buraco e se convenceu de que ele pulou sozinho. Não percebe o que você faz? Você está terminado. Somente eu percebo?
- Bettina (*separando-os bruscamente*) O que mais você quer Rainer? Basta. Não podemos estar em paz, Rainer? Já está feito. E está arrependido. Não vê? (*a Roger*) Você está bem?
- Ulrika (*pega uma garrafa. Muito tranquila e sedutora*) Rainer..
- Rainer O que você quer?

- Ulrika Querira um pouco de vinho, coração.
- Bettina Roger, creio que vocês deveriam tentar fazer as pazes.
- Roger Você... É melhor que não fale mais nada. Eu estou bem. Perco um pouco o controle às vezes, mas isso é tudo. Lembro tudo. *(dá um soco na mesa em frente de Rainer)*
- Ulrika Não abririam uma garrafa? Morro de sede.
- Bettina Tenha um pouco de piedade, Ulrika.
- Ivan Nós vamos embora, Lucera.
- Bettina Não vão embora. Se ainda não comemos.
- Ivan Voltamos em outro momento, Bettina.
- Ulrika Me estão fazendo ter desejos de propósito, Rainer. Quero ir embora, Rainer.
- Bettina Bom, se querem ir embora, podem ir, mas antes que vocês saiam de nossa casa, quero dizer a todos que depois de passar três horas fechada na cozinha cozinhando esse arroz de merda creio que mereço que pelo menos alguém...
- Ulrika O que tem esse arroz a *la turca*? Você é uma idiota, Bettina. Sabe o que você merece?
- Bettina se lança contra Ulrika. Roger a contém e empurra Ulrika violentamente contra a parede. Pausa.*
- Rainer Tem medo, não?
- Bettina Não, por favor... não comecem outra vez.
- Rainer Vou te dizer a verdade. Sabe por que na realidade te trouxe o pônei? Tê dei o pônei no dia em que teu médico me disse que tua cabeça ia explodir.
- Bettina Não diga isso, Rainer.
- Rainer Tantos socos te fizeram um coágulo. *(em uníssono com Ulrika)* O coágulo se transformou em um tumor. Por isso você não controla o que faz.
- Bettina Você é um imundo, Rainer. É teu irmão.
- Rainer Posso controlar minha violência. Sou consciente do que faço.
- Roger Você fala que controla a violência. Mas eu te vi, Rainer. Você empurrou esse casal pela escada. Você fez eles caírem. Podia ter machucado a Lucera se ela não tivesse se esquivado.
- Ulrika Vocês veem o que é esse mundo? Por isso não quero crianças. Para que trazer crianças a um mundo violento? Para depois matá-las de porrada, como animais? *(Rainer e Roger a ponto de começar a brigar)* Não. Vamos embora Rainer. Já sei como vai terminar isso. Vejo sangue nas paredes, no chão, em todos os lados. E esse ruído... será nosso táxi?
- Lucera *(Lucera tira o revólver da bolsa e dispara um tiro para o alto)* Olhei o relógio. Era oito e dez. *(pausa. Observa a bagunça que provocou)* O que estão olhando? Pareço gorda? E vocês? Vão embora do país? Vão embora? Nem todo mundo pode ir embora, senão eu também iria. O roteiro de cinema que Ulrika contou me trouxe uma recordação violenta da minha infância. Meus pais escapando, fugindo por uma escada. Lembrei a forma como eles se arrastaram, até que desesperados me deixaram em um degrau. Lembrei de tê-los visto indo escadas abaixo. Como uma queda. Isso lembrei.
- Ivan Lucera, espere. *(pausa)* Sei porque você está nervosa. Mas já te contei muitas vezes. Você sabe... Estávamos de férias. Escutamos gritos... um cavalo disparou, corremos... Rainer foi quem chegou primeiro.
- Lucera aponta para Rainer.*
- Rainer É engraçado. *(pausa)* Não entendo o que devo dizer sobre isso, Ivan.
- Ivan Lucera está um pouco sensível porque estamos pensando em ter um filho. Não é verdade Lu? Fale pra eles do bebê, Lu... por favor... o bebê, Lu...
- Rainer Bem, o que se pode dizer... Parabéns. *(pausa)* Ulrika...
- Ulrika Ah... Que lindo, as crianças.
- Rainer Se fosse por mim... mas imaginam a Ulrika com um bebê nos braços?
- Lucera O que vocês têm seus idiotas? Não têm medo? Não acreditam que sou capaz de

- disparar. *(vai até a porta da rua e a tranca com chave. Tira a chave e a põe sobre a mesa. Começa a apontar com timidez)*
Bem...
- Ivan Por favor, Lu...
- Lucera Diga Ivan o que na realidade você pensa sobre eles. *(aponta para Roger)* E você, Roger, não gosto como você me olha. Roger, não gosto como você me olha. Nem como você se aproxima. *(Bettina engole um soluço. Aponta para Bettina)*
Bettina...
- Bettina Não... Eu estou um pouco velha, Lucera. E sei que minha atitude compreensiva com todos não serve de nada, mas...
- Lucera Não chore mais, Bettina ou te mato.
- Roger Cala a boca, Bettina.
- Lucera Você não entende que tenho vontade de te matar faz tempo e que agora por fim posso te matar? Mas de verdade, estou te dizendo, eu vou matar a todos vocês.
- Bettina *(aproxima-se de Roger)* Olhem esses olhos. Estão cheios de vida.
Meu amor, você é dessas pessoas que vão envelhecer bem. Tem uma longa vida pela frente. Não pense que estes são teus últimos anos porque não é assim. Você não está desperdiçando teu tempo com uma velha.
- Roger Como pode pensar assim? Como pode me dizer essas coisas, Bettina?
- Bettina Assim sou eu. Digo o que penso. Quero que você faça o mesmo.
Você tem vontade de estar com Lucera, Roger? É isso que acontece com você? Posso entender, mas não serviu para nada o de Ulrika? Não serviu para nada tudo que conversamos?
- Ranier Do que ela está falando, Ulrika?
- Bettina Ainda que você não acredite, eu te entendo. Isso pode acontecer com qualquer um. Às vezes olho a outros na rua... Mas sabe o que me digo... nós somos o arroz, o aspargo... a...
- Roger Cala a boca.
(para Lucera) Abaixa este revólver, Lucera, por favor. *(Lucera engatilha a arma. Pausa)*
- Teus pais não caíram sozinhos pelo precipício. Foram Ivan e Rainer. Eles arrumaram tudo. Era verão em Córdoba. A família costumava veranejar em Córdoba.
- Rainer O que você está dizendo filho da puta? Está delirando. O coágulo te mata.
Você não pode acreditar nele neste estado, Lucera. O cavalo se desembestou sozinho. Nós te encontramos, Lucera.
- Roger Rainer arrumou tudo. Com Ivan. Ivan se sentia muito sozinho. Eu era muito pequeno, mas me lembro.
- Ivan O que você está dizendo, Roger, por Deus?
- Lucera O que aconteceu, Ivan? Fale. Se não falar, eu te mato da mesma maneira. Tenho uma arma na mão.
Vocês veem?
Todos? Idiotas.
Qual cabeça é a primeira?
- Ivan Lucera, realmente você quer abrir minha cabeça com um balaço e assim terminar com tudo?
Olha a situação que você provoca... É patética.
O que aconteceu com a gente? Se pudéssemos começar tudo de novo... Rainer... por favor...
- Rainer *(conciliando)* Sim, bem vai ser melhor que nos tranquilizemos um pouco. Nos acalmamos um pouco, heim? Heim, Lucera? Querem uma carona com o táxi?
Olha o que vou fazer... Vou pegar a chave e vou abrir a porta. Está bem, Lucera? *(Lucera concorda)* Vou abrir e vamos ir embora... *(Abre lentamente a porta da rua)*
Bom, já está. *(pausa)*
Agora vamos sair... Vamos, Ulrika.
- Lucera dispara em Rainer que havia começado a sair. Rainer cai pesadamente se agarrando na porta da rua. Seguidamente dispara em Roger e em Bettina que não conseguem se cobrir. Por último, atira em Ulrika enquanto esta tentava saltar por cima do corpo de Rainer que cobria a porta da rua. Longa pausa. Lucera olha Ivan. Ivan observa os quatro*

corpos esparramados no chão. Logo olha para Lucera.

Lucera Há uma única forma de violência? Há um novo tipo de violência no ar. Você sente Ivan? Obviamente eu não sou do tipo de pessoa que faria isso. E, no entanto, fiz. Saí pelo corredor. Necessitava correr e me perder pelo edifício. De repente atraídos pelos disparos, os dois velhos que tinha encontrado antes voltaram a aparecer frente a mim. Me tomaram pela mão, sem falar, e juntos descemos os três andares. Ao chegar ao térreo seguimos até o porão por uma escadinha de ferro. Fomos por um corredor até o fundo do edifício. No final uma luz fraca iluminava a porta de um quarto malcheiroso em ruínas. Entramos no quarto. Eles se sentaram em uma espécie de cama armada no chão com uns velhos colchões destruídos. De um lado havia uns longos e profundos bebedouros com água suja. O fundo do quarto estava escuro, não se via nada, mas se podia intuir uns animais corpulentos que chutavam o chão. Voltei a olhar os velhos. O velho abraçava

a velha enquanto a velha acariciava e beijava um menino ou menina inexistente. Acariciava o ar. Beijava o ar. E os dois sorriam como loucos ante o nada que eu via. Se esses dois velhos não houvessem dado aquele sinal, aquelas carícias eu teria me asfixiado. Seus olhos, então, começaram a me parecer familiares e me reconheci neles.

E aconteceu o inevitável, o que eu estava necessitando que acontecesse há muitos anos: um grande estouro de animais explodiu pelo quarto. Agora podia começar a distinguir o que havia no fundo do quarto. Impetuosos. Ardentes cavalos. Eram cavalos de distintas raças e tamanhos. Lindos cavalos. Era uma visão maravilhosa. Vinham até mim. Desejei subir em um deles e escapar para longe. Longe. Mas passavam ao meu lado sem me ver. Nervosos. Briosos e altaneiros. Só podia vê-los passar. Embelezada. Suavizada.

Ivan...

Ivan O quê...?

Lucera Estou grávida, Ivan. (*aponta lentamente para Ivan*)

Fim.

Notas

1 Tradução baseada na versão do texto de 2002.

2 Tandil, cidade da Província de Buenos Aires, região do Pampa úmido. Ushuaia, cidade da Patagônia extremo sul da Argentina.

3 Capital da província serrana de Córdoba.